

## **ARISTÓTELES E A ESPIRITUALIDADE CRISTÃ**

**Acção de Formação “Fundamentos clássicos da espiritualidade ocidental”, organizado pelo Instituto de Estudos Avançados em Catolicismo e Globalização (IEAC-GO) e CLEPUL/Universidade de Lisboa – Oeiras, Janeiro/Fevereiro 2020**

## MÓDULO 4

### Aristóteles e a espiritualidade cristã. Os paradoxos de uma “teologia sem religião” e o ressaltado aristotélico para a filosofia prática

- PROMISSORA ABSORÇÃO TOMISTA FILOSOFIA TEOLÓGICA ARISTÓTELES > TRANSFIGURAÇÃO “TEOLOGIA FILOSÓFICA”
- FILOSOFIA TEOLÓGICA ARISTOTÉLICA CONTÉM PROBLEMA  
>> assimetria dimensão religiosa / metafísica teorização Motor Imóvel designado de “divino” > descontinuidade embaraça “dimensão espiritual”
- QUATRO IMPASSES APORÉTICOS ONTO-TEO-LOGIA ARISTOTÉLICA
  - 1 fundamentação metafísica movimento cinético não esclarece razão de ser protagonismo teológico do movimento acepção translativa
  - 2 ambiguidade metafísica radical entre carácter divino do motor imóvel e o carácter motriz do ente divino >> não é claro se é Deus quem prova a existência do movimento ou o movimento que prova a existência de Deus
  - 3 quadro fenomenológico atributos divinos [imóvel / incorruptível / eterno] explica existência Deus por causa do movimento mas não se Deus é fundamento ôntico da própria possibilidade causalidade
  - 4 concepção teológica carece critério hermenêutico atributo “divino” qualificador motor imóvel
- ANÁLISE DIAPORÉTICA
  - Metaphysica constituição Teologia Deus = causa primeira Movimento = postulado razão lógica
  - escrutínio metafísico substância divina > atributos [imóvel, incorruptível, eterna, acto puro, vida auto-inteligida] releva filosofia teológica / não fenomenologia da experiência religiosa
  - analítica causal movimento resulta esvaziamento religioso substância divina
  - a suprema substância divina 1. não é cosmogénica, 2. não cria o mundo *ex nihilo* >> é 1. cinética = princípio motriz 2. impassível “intelecção do inteligir-se de si própria” [cf. ARIST., *Metaph.*, XII, 7, 1072b 18-24] >> solipsismo divino

- VISLUMBRE HORIZONTE RELIGIOSO...

- tradição ancestral > autointerpretação descomprometida Aristóteles Metaph. XII, 8, 1074b 1 ss > crítica oblíqua politeísmo religioso

«foi transmitido pelos antigos e antepassados na figuração de um mito que perdurou para as gerações vindouras, que estes <corpos celestes> são deuses e que o divino reveste toda a natureza. O restante foi mais tarde acrescentado de forma mitológica, com a finalidade de persuadir a massa popular em proveito das leis e do interesse comum; referem alguns outros que <os deuses> se assemelham à forma humana e a outros animais»

- experiência sapiencial > interpretação diferida estudiosos > escrevi algures que na filosofia grega se insinua

«uma manifesta tendência para assimilar a acção do sábio à acção divina e, inversamente, em transferir para o divino os traços morais próprios do sábio, de tal forma que Pierre Hadot chega mesmo, no contexto da filosofia antiga, a vislumbrar o influxo de uma «*théologie du sage*» [HADOT Pierre, «La figure do sage», in *Études de philosophie ancienne, op.cit.*, 238]. <Eu próprio estou em crer que> Tanto no platonismo como no aristotelismo, bem como nas ramificações helenísticas do estoicismo, essa imediata associação da onipotência divina à perfeição moral germina num rico subsolo de múltiplas fertilizações cruzadas de que a experiência religiosa e a teologia especulativa são tão-só duas das suas múltiplas expressões possíveis. Na verdade, não é preciso ir muito longe para se perceber como em Platão, por exemplo, Deus aparece dotado de qualidades morais intrínsecas: na *Res publica* v.g. é referido como «bom, verdadeiro e simples» [Cf. PLAT., *R.*, 379 b ss.]; já no *Phaedro* como «belo, sábio e bom» [Cf. *Idem*, *Phdr.*, 246 d ]; no *Timaeus* enfim como «bom, generoso e fazendo tudo pelo melhor», [Cf. *Idem*, *Ti.*, 29 e – 30 a]. <Curioso é notar que> A mesma homologação circular da figura do sábio à figura de Deus também pode ser observada em Aristóteles [não propriamente na *Metafísica*, como temos estado a ver, mas no estofa da sua filosofia prática. Com efeito,] Segundo a *Ethica Nicomachea*, esses raros momentos em que o filósofo se diferencia dos restantes mortais pela actividade de pensamento ou de contemplação, representam os momentos de maior prazer e felicidade durante os quais o homem pode fruir uma

espécie de presença divina que (...) [de quando em vez] e por breves lapsos de tempo (...) o homem dela pode fruir [cf. ARIST., *EN*, X, 7, 1177b 25 ss]. Pierre Hadot, condensa (...) admiravelmente essa [experiência tangencial] ao referir que *esses raros momentos de pensamento puro que parecem, de acordo com o livro X da Ética a Nicómaco, estar acima da condição humana, excedendo-a como vida divina, corresponde, no entanto, ao que é mais adequado para homem, ou seja a vida segundo o Espírito. Encontramos aqui um tema fundamental: a sabedoria é o estado em que o homem é essencialmente homem e acima do homem, como se a essência do homem consistisse em estar acima de si mesmo* [Cf. HADOT Pierre, «La figure du sage», in *Études de philosophie ancienne*, op. cit., 239]»

## BIBLIOGRAFIA

BODEUS Richard, *Aristote et la theologie des vivants immortels*, Paris: Les Belles Lettres, 1992

BROADIE Sarah, «Que fait le premier moteur d'Aristote? Sur la theologie du livre Lambda de la Metaphysique», trad. par Jacques BRUNSCHWIG, in *Revue Philosophique de la France et de l'Etranger* 118 (1993) 2, 375-411

CARMEN SANCHEZ Maria del, «La teologia de Aristoteles», in *Agora: papeles de filosofia* 10 (1991) 193-198

NATALI Carlo, *Cosmo e divinita. La struttura logica della teologia aristotelica*, L'Aquila: L.U. Japadre, 1974